

A Profissão das Armas do Exército

General de Exército Frederick Franks (Reserva), Exército dos EUA

SENDO UMA PROFISSÃO das Armas, o Exército serve ao país e executa missões com o menor custo para seus integrantes, os voluntários a ele confiados pela nação. O Exército é composto de profissionais adequadamente habilitados e dignos de confiança; soldados, graduados, oficiais e funcionários civis: todos trabalhando juntos na aplicação da arte e da ciência das operações terrestres, com o intuito de cumprir as missões de modo condizente com o caráter de seu povo e em conformidade com sua Constituição.

Nos Estados Unidos da América (EUA), a história da profissão se entremeia com a do país, embora alguns acadêmicos e historiadores considerem o final do século XIX como sendo o início do profissionalismo no seu Exército. A meu ver, há inúmeras evidências que demonstram que as origens do profissionalismo surgiram já nos primórdios da nação, na luta pela independência. A insistência contínua por maior profissionalismo, por parte do General Washington, levou a que os períodos de serviço no Exército Continental fossem tornados mais longos. Em Valley Forge, o Barão von Steuben empenhou-se em criar um Exército mais profissional, preparando seus oficiais, graduados e soldados no campo da disciplina e instruindo-os nas habilidades necessárias para o combate terrestre, típicas daquele ambiente de Guerra Revolucionária. O General George Washington e seu Comandante da Artilharia, Henry Knox reconheceram a necessidade de criar uma ou mais escolas destinadas a instruir os militares na Profissão das Armas, para que pudessem servir à nação. Mais tarde, em 1802, surgiria a Academia Militar de West Point, inaugurada no governo Jefferson como um resultado da reiterada ênfase dada ao estudo profissional da arte da guerra, pelo

Presidente Washington, em seu oitavo discurso ao Congresso, em 07 Dez 1796:

A instituição de uma Academia Militar também é recomendável por razões convincentes... Quaisquer que sejam os argumentos extraídos de exemplos específicos, quando superficialmente considerados, uma análise minuciosa do assunto evidenciará que a Arte da Guerra é ao mesmo tempo abrangente e complicada; que ela requer muito estudo prévio; e que seu domínio, em sua melhor e mais perfeita forma, será sempre de grande importância para a segurança de uma nação. Deve, portanto, ser uma séria preocupação de todos os governos: e, para esse fim, uma Academia, onde seja oferecido um curso de instrução regular, é um expediente óbvio, já empregado com sucesso por diferentes países.

O estabelecimento da primeira escola do Exército dos EUA em 1824 — a Escola Prática de Artilharia, no Forte Monroe, Estado da Virgínia — demonstra que, desde o início, o Exército e a Profissão das Armas reconheceram a existência de conhecimentos especializados na arte e na ciência da guerra, necessários ao serviço em prol da nação. Outras escolas se sucederam. Essa necessidade de conhecimentos especializados — ou competência — foi conjugada com a insistência prévia do General Washington (uma exigência, na verdade), de que o caráter e os métodos de liderança fossem coerentes com o que se desejava ser como povo e nação. Hoje, no décimo ano da atual guerra, a contínua dedicação da Profissão das Armas ao desenvolvimento de conhecimentos especializados para as missões do país e ao serviço executado com caráter e métodos de liderança que reflitam os valores da

O General de Exército Frederick Franks foi Comandante do Comando de Instrução e Doutrina e, durante a Primeira Guerra do Golfo, do VII Corpo de Exército. Embora tenha sido gravemente ferido no Vietnã, quando jovem,

permaneceu na Ativa. É o atual presidente da Turma de 1966, no Centro Simon para a Ética Profissional Militar, em West Point.



Arquivo Nacional dos EUA, 530617

Um carro de combate M-48 dispara seu canhão, enquanto fuzileiros navais protegem seus ouvidos, Vietnã, 03 Abr 68.

Constituição permanece fiel às práticas daquele período precursor.

Sou inspirado, todos os dias, por essa “próxima grande geração”, pelos que estão servindo atualmente e pelo que eles estão fazendo pelo país neste décimo ano de guerra. Sua atuação demonstra grande coragem, competência e resultados positivos no Iraque e, de forma crescente, no Afeganistão. Tudo isso, sim, à custa de doloroso sacrifício pessoal e para suas famílias, em condições tão difíceis quanto quaisquer outras nas quais o país empregou o Exército.

Quando a situação ficou realmente difícil na missão no Iraque, os soldados e seus comandantes em combate perseveraram, permanecendo fiéis ao seu etos: “Nunca desistirei”. E para lá retornaram repetidas vezes. Sacrificaram-se. Não desistiram mesmo quando outros o fizeram. Aprenderam como combater uma insurgência no terreno ao mesmo tempo em que redigiam doutrina, formavam uma força de segurança iraquiana, promoviam a governabilidade e trabalhavam para o bem público nos âmbitos local e nacional, na economia e nas obras públicas. Quando o combate se fez necessário, combateram. Quando foi necessário criar e edificar uma nação, isso foi feito. Na maior parte do tempo, os militares realizaram ambas as atividades, alternada ou simultaneamente. E ainda as conduzem: no Iraque, na Operação *New Dawn*; e, agora, no Afeganistão, em uma transformada campanha regional.

Missões difíceis. Sem desistir, perseverantes. Comandantes em combate e soldados de caráter. Uma profissão de caráter do Exército. Nunca havia visto o Exército dos EUA com tamanhos

foco e garra, com tanta resistência como a que hoje é demonstrada, prosseguindo na missão e continuando a servir e a obter resultados notáveis para o país.

O Exército de Hoje

Em 2007, o General Casey estabeleceu um Centro para a Ética Profissional Militar do Exército, primeiro no Centro Simon de Ética Profissional Militar, em West Point — à época, um centro separado, dedicado a todos os integrantes da Profissão das Armas do Exército. Em 2010, o órgão recebeu a nova designação de Centro da Profissão e Ética do Exército e foi colocado sob a direção do Coronel Sean Hannah, dentro do Comando de Instrução e Doutrina (TRADOC, na sigla em inglês), sendo-lhe atribuída a responsabilidade pelos aspectos relacionados ao desenvolvimento da nossa profissão, da ética e do caráter, no âmbito de todo o Exército — permanecendo, no entanto, em West Point.

Muitos acontecimentos serviram para moldar a visão coletiva do Exército como Profissão das Armas, nos últimos 30 anos. No final dos anos 60 e nos anos 70, alguns estudos definiram como a profissão iria se autoaprimorar. Em 1974, no Forte Benning, Geórgia, os alunos da Academia de *Sergeants Major* formularam um “credo” por sua própria iniciativa, pouco depois da inauguração do curso e do início daquilo que viria a constituir-se no Sistema de Ensino de Graduados, no Exército. Havia os quatro princípios básicos, discutidos e vividos por eles: coragem, competência, lealdade e comprometimento. A formação de oficiais foi reforçada e transformada com a fundação da Escola de Estudos Militares Avançados (SAMS, na sigla em inglês), em 1982. O Curso de Estado-Maior de Armas e Serviços Combinados (CAS3, na sigla em inglês), para capitães, teve início em 1982. Ele foi encerrado em 2004, quando as atuais guerras aumentaram radicalmente a demanda por oficiais intermediários. A Escola de Liderança e Táticas Avançadas (SALT, na sigla em inglês) foi posteriormente criada, com vistas a preencher essa lacuna.

Como parte de sua recuperação após a Guerra do Vietnã, a Profissão do Exército empenhou-se fortemente em estar adequadamente treinada e pronta. Foram estabelecidos “Centros de Adestramento em Combate” no Forte Irwin, na



Washington em Valley Forge, *Edward P. Moran, c. 1911.*

Califórnia, no Forte Chaffee, no Arkansas (mais tarde transferido para o Forte Polk, na Louisiana) e em Hohenfels, na Alemanha. O Programa de Adestramento de Comando em Combate (BCTP, na sigla em inglês) teve início em 1997. Uma geração inteira de profissionais formou-se, com uma intensa dedicação ao etos profissional de estarem treinados e prontos; prontos para lutar e para vencer a primeira batalha da próxima guerra.

A Força passou a disponibilizar o ensino às famílias dos profissionais do Exército, em função da demanda única que lhes é imposta. Primeiro, por meio de seminários do comando; depois, empregando organizações constituídas atendendo às necessidades operacionais, em 1989 e 1990, como decorrência das Operações *Just Cause* e *Desert Storm* — e registradas no Panfleto 525-100-4 do TRADOC —, que hoje estão bem amadurecidas, estruturadas e providas de recursos, por causa das demandas dos conflitos atuais.

A partir dos anos 80, edições sucessivas do

Manual de Campanha 1, do Exército, assim como do Manual de Campanha 100-5 (3.0, à época), de doutrina básica, também reforçaram as discussões sobre a profissão. O Exército publicou palestras do Marechal de Campo Sir John Hackett, da Grã-Bretanha, em um panfleto intitulado *The Profession of Arms* (“A Profissão das Armas”). Em 1997, os valores do Exército foram reformulados, transformando-se nos mesmos sete que hoje são praticados, recebendo um sentido renovado pelas ações em combate desta geração.

O “Credo do Soldado” e o “Etos do Guerreiro” foram codificados e publicados em 2003 e vêm sendo praticados de forma magnífica por esta atual geração de profissionais. Estudos iniciados pelo Exército nos primeiros anos deste século defenderam a necessidade da educação continuada em ética profissional militar. Um “Credo Civil” foi estabelecido recentemente. Em 2006, a publicação *Armed Forces Officer* (“Oficial das Forças Armadas”) foi reescrita por uma equipe conjunta, liderada pelo Coronel da

Reserva Rick Swain, à época professor em West Point. Essa foi a primeira revisão desde 1988. Foi patrocinada pelo Estado-Maior Conjunto (J-7) e tomou como base a edição original de 1950, do General Samuel Marshall, com descrições atuais da profissão das armas, segundo a perspectiva de cada uma das Forças Armadas.

Refletindo sobre a Profissão das Armas

O ano de 2011 marcou o 236º aniversário do início do Exército dos EUA. O dia 14 de junho normalmente passa quase despercebido pelo público. Essa é a natureza do serviço e do dever. Geralmente desconhecida e distante da atenção da sociedade — exceto em circunstâncias incomuns ou momentos de sobrevivência nacional —, a Profissão do Exército executou fielmente suas obrigações, às vezes com grande sacrifício para seus integrantes e familiares, como agora, com os repetidos desdobramentos da atual guerra. O serviço abnegado, o desempenho do dever sem alarde, o orgulho que advém de saber que você cumpriu sua obrigação com honra, dando o melhor de si: esses elementos têm definido, em boa medida, a ética profissional do Exército em tempos de paz e de guerra. Tal comportamento foi inculcado em nossa consciência pelos feitos e atos daqueles que nos precederam, tanto sob a luz dos “holofotes” quanto na sombra do anonimato, e por aqueles que hoje servem e nos inspiram diariamente com sua coragem, habilidade e desempenho obstinado, concentrado na missão.

De 2001 a 2009, tive o privilégio de servir, por nomeação do Presidente, na Comissão de Monumentos de Batalha dos EUA (ABMC, na sigla em inglês), atuando como seu presidente, entre 2005 e 2009. A missão da ABMC é cuidar dos cemitérios onde estão enterrados os mortos em guerras no exterior e contar suas inspiradoras histórias em centros de visitantes e nas legendas dos esboços das batalhas. Todos esses 23 cemitérios estão localizados em solo estrangeiro. Os estadunidenses foram até essas terras para libertá-las. Em seguida, em conformidade com o caráter do nosso serviço, nós as deixamos e transferimos o controle, em tempo hábil, para os governos hoje livres. Os estadunidenses não quiseram nenhuma terra ou controle sobre outro governo; apenas uma área que fosse do tamanho

suficiente para enterrar seus mortos, que para lá haviam ido para libertar aqueles povos. Um serviço abnegado, pelos membros da Profissão das Armas do Exército, juntamente com as outras Forças.

Das repetidas derrotas iniciais do Exército Continental e da retirada para a margem ocidental do Rio Delaware, em 1776, ao obstinado, bem-sucedido e inspirador ataque a Trenton, no Natal. Aos dias cruéis do inverno em Valley Forge. Ao serviço abnegado daqueles que serviram para preservar a nação, entre 1861 e 1865. Aos que desembarcaram na costa da Normandia, na França, quando as rampas das embarcações *Higgins* foram abertas diante de intensos fogos diretos e indiretos do inimigo, em 06 de junho de 1944. Ou aos que participaram de outros combates intensos e ataques anfíbios no Pacífico — de Guadalcanal, em 1942, a Iwo Jima e Okinawa, em 1945. Aos que se recuperaram de derrotas iniciais e seguiram em frente, obtendo o sucesso em condições árduas na Coreia, entre 1950 e 1953. À minha própria geração, que respondeu ao chamado de nossa nação com coragem, habilidade e grande sacrifício pessoal no Vietnã. Aos conflitos recentes no Panamá, no Iraque, na Somália e nos Bálcãs. Aos que hoje cumprem seu dever respeitando os mais elevados padrões de honra e coragem, no difícil ambiente do Afeganistão e na manutenção da vitória no Iraque. Como diz a letra de uma canção do Exército: *“It wasn’t always easy and it wasn’t always fair; but when freedom called we answered, we were there...”* [“Nem sempre foi fácil, nem sempre foi justo, mas quando a liberdade chamou, nós respondemos, estávamos lá...”, em tradução livre.] O serviço abnegado e o sacrifício pelo país, o dever honroso desempenhado com maestria, com o cumprimento das missões: esses são os atributos essenciais da Profissão do Exército.

O Que Torna a Profissão Diferente?

Insisto, também, que a Profissão das Armas, no âmbito do Exército, conta com alguns aspectos especiais, que a distinguem das demais profissões.

Primeiro, como outras, é uma profissão que dispõe de uma escala de valores e de um etos com expectativas de conduta. Contudo, é a imprescindibilidade desses valores que torna

nossa profissão diferente, digamos, da medicina ou do direito. Existe o que o Manual de Campanha 1, do Exército, descreve como *responsabilidade ilimitada*: “que [seus integrantes] assumem no juramento profissional. Enquanto membros de outras profissões desempenham tarefas perigosas diariamente, somente os integrantes das Forças Armadas podem receber a ordem de colocar sua vida em perigo a qualquer momento, em qualquer lugar”. Ademais, o Marechal de Campo Sir John Hackett nos lembra, nas palestras constantes daquele panfleto do Exército, *Profession of Arms*, que, em outras profissões, nossos valores são qualidades admiráveis. Na Profissão das Armas, porém, eles são absolutamente necessários para a consecução das nossas missões. Em outras palavras, não são comportamentos opcionais para os indivíduos ou tropas. Têm um propósito e se tornaram normas profissionais, ao longo dos últimos dez anos, em virtude das ações em combate que os definiram. Por seu caráter imprescindível — e pelos exemplos diários no campo de batalha —, os sete Valores do Exército,

assim como o Credo do Soldado e o Etos do Guerreiro, foram inculcados no comportamento da profissão, para a consecução da missão nesta guerra.

Segundo, é uma profissão voluntária, que depende — e dispõe — da enorme boa vontade e da generosidade do povo estadunidense. Essa profissão voluntária se comunica livre e francamente com o povo e está aberta a visitas e comentários dos que são externos a ela. Embora outras profissões também sejam voluntárias, a Profissão das Armas se preza de sua transparência, de modo especial, com o intuito de conservar a confiança do público que serve. Dedicar tempo e empenho para continuar a conectar-se com uma população e um organismo político em grande parte sem experiência militar, para explicar-lhes a profissão, incluindo operações e preparativos. A Profissão do Exército deve refletir sobre o caráter de seu relacionamento com o povo, fidelidade à Constituição e aos valores da nação, no presente e à medida que a profissão evolua, no futuro, continuando a servir nessa era de



Força Aérea dos EUA, Cb Jamie Nielely

Militares estadunidenses preparam uma segurança de perímetro durante um Exercício no Campo de Teste e Treinamento localizado no deserto, no sul do Estado de Nevada, 18 Nov 09.

conflitos persistentes e enormes pressões sobre recursos. Nesse contexto, os profissionais do Exército devem analisar com franqueza como fazer para informar e lembrar a população, de forma respeitosa, das exigências especiais da profissão, ao discutirem salários, aposentadoria e atendimento médico.

Terceiro, ao contrário da maioria das outras profissões, a nossa exige muito dos familiares. É uma profissão na qual as famílias militares veem o profissional sair para desempenhar seu dever sem saberem, ao certo, se ele voltará são e salvo para casa. É uma profissão na qual seus entes queridos podem ser transformados pelo desempenho em combate — às vezes, fisicamente, com ferimentos aparentes; outras vezes com lesões invisíveis e difíceis de detectar, que se manifestam em comportamentos incompreensíveis, provocados pelo transtorno de estresse pós-traumático, por traumatismo crânio-encefálico ou por ambos. As famílias dos militares da ativa muitas vezes residem no exterior, em aquartelamentos e bases, distantes do apoio dos outros parentes. Por sua vez, as famílias dos integrantes da Reserva moram por todos os Estados Unidos, mas carecem, muitas vezes, de uma comunidade de pessoas com experiências de separações familiares semelhantes.

As famílias militares convivem com as exigências de serviço abnegado ao país, que colocam o dever acima da família e, na verdade, acima da própria vida. Elas se unem e compartilham do luto de uma forma que é exclusiva à Profissão do Exército. Os familiares comungam a ideia de servir a um propósito que é maior do que servir a si próprio e à família — ou buscar a acumulação de riqueza — e forjam um laço indestrutível e único, que minha esposa, Denise, chama de “amigos para sempre”. As famílias militares inspiram todo o país, com sua paciência, coragem e engenhosidade e com as formas criativas como também servem e suportam a dor constante da perda de entes queridos.

A Profissão do Exército é especial porque contém, em si, outras profissões, como o direito, a medicina e o sacerdócio, e porque atrai membros de outras profissões da nossa sociedade, como ilustram os dois pontos a seguir.

Quarto, a Profissão do Exército hoje inclui a Reserva e a Guarda Nacional, ambas atuando

como uma reserva operacional na qual soldados da Ativa e da Reserva servem lado a lado, nesse combate volátil, incerto, complexo e ambíguo. Esse emprego — devido à necessidade operacional — de mais de 80 mil membros da Reserva e da Guarda Nacional anualmente, como parte do sistema de Geração de Forças do Exército, representa uma mudança radical em relação ao antigo emprego da reserva estratégica, que vigorou entre a Segunda Guerra Mundial e o ano de 2001. Embora a Profissão tenha obtido grandes avanços no que tange a operar de maneira coesa nos teatros de operações, são necessárias ações urgentes para realizar a plena integração de forças no âmbito nacional, especialmente com respeito aos militares na Reserva, que continuam a sofrer de problemas médicos associados ao período em que estiveram convocados para a Ativa.

Quinto, desde o início — e pela necessidade imposta por sua missão —, a profissão do Exército criou sua própria profissão médica, frequentemente pioneira na descoberta de novas curas e técnicas de reabilitação. A vacinação contra a varíola, iniciada pelo General Washington, na Guerra de Independência; a vasta atenção dada à reabilitação, a partir da Guerra Civil até os dias de hoje, no caso de perda da integridade física; a cura da malária e da febre amarela; a utilização de antibióticos em larga escala; as pesquisas e os tratamentos pioneiros; o trabalho precursor, no país, em relação ao transtorno de estresse pós-traumático e traumatismo crânio-encefálico: a profissão médica contida na Profissão das Armas do Exército tem atuado de forma impressionante.

Para qualquer um de nós no campo de batalha, a diferença entre a vida e a morte está na habilidade de um enfermeiro militar ou de um soldado treinado em salvar vidas em combate, apoiada pela rápida evacuação para hospitais no teatro de operações, onde atuam hábeis profissionais médicos militares. É a continuação do tratamento intensivo por Equipes de Transporte Aéreo de Atendimento de Emergência da Força Aérea; é o atendimento a vítimas de trauma no Centro Médico Regional de Landstuhl, na Alemanha e, em seguida, a continuação do processo de recuperação e reabilitação junto da família profissional, nos grandes centros de tratamento, nos Estados Unidos.

A atual guerra assistiu à utilização de métodos milagrosos para salvar vidas, empregados desde o primeiro atendimento no campo de batalha até a fase de reabilitação. Vocês salvam vidas, curam as suas próprias, ajudam os que sofreram ferimentos graves a recuperar-se: tudo isso no seio da família profissional. Vocês possibilitam que muitos permaneçam na Ativa, continuando a integrar a família profissional do Exército — como no meu caso, quando minha perna foi amputada abaixo do joelho. Fazem tudo isso porque contam com essa competência médica, mas, o que é igualmente importante, vocês fazem tudo isso para conservar o militar junto de sua família profissional. Esse empenho em manter nossos militares dentro da família profissional é não apenas o mais correto, como também é uma decisão profissional que salva vidas; uma decisão que, segundo demonstram os estudos e as observações clínicas, não só ajuda na recuperação física de lesões visíveis e invisíveis, mas também na conquista do equilíbrio emocional para seguir em frente e continuar a servir ou optar por outros rumos. Essa é uma escolha profissional e é a certa para os integrantes da profissão que serviram voluntariamente e sofreram lesões ou enfermidades, ao se dedicarem a algo maior que eles próprios. A profissão precisa continuar a cuidar dos seus.

Outros profissionais no Exército — advogados ou capelães — dão continuidade ao seu próprio serviço inspirador na atual guerra. Ambos os grupos surgiram no início do Exército dos EUA, por necessidade e por escolha, e ambos

A Profissão do Exército é especial porque contém, em si, outras profissões...

contribuem com habilidades profissionais únicas, necessariamente diferentes dos seus equivalentes civis, em função dos deveres especiais da Profissão das Armas, conforme observado anteriormente, e da legislação específica aplicada pelo Congresso às nossas Forças Armadas.

Sexto, é uma profissão que exige mais de seus novos membros logo do início — novos soldados, novos graduados e novos oficiais. O Exército é propositalmente estruturado de modo a exigir que esses integrantes mais recentes da profissão arquem com as tarefas mais árduas no cumprimento das missões. Em virtude dessas expectativas imediatas em relação a obrigações e sacrifício, acredito que todos os militares se tornam profissionais assim que prestam o juramento de proteger e defender a Constituição, uma vez que se espera que eles cumpram seu dever em conformidade com ela. A profissão precisa continuar a ajustar proativamente o ensino e a instrução dos indivíduos e das Unidades, de todas as Armas, e as técnicas de combate de contrainsurgência, de modo a incluir habilidades interagências e a análise de ameaças híbridas, nos centros nacionais de instrução, para ampliar as competências em todo o espectro do conflito. O que isso significa para o ensino recebido imediatamente após o ingresso na profissão, no que diz respeito ao caráter típico do serviço, para a internalização de valores e para a garantia do caráter em ação?

A Profissão das Armas possui várias descrições de comportamentos esperados dos indivíduos e das Unidades, com base no juramento, nos vários credos, no Etos do Guerreiro e nos Valores do Exército. Eles foram esplendidamente definidos em ação por esta geração, com exemplos diários nas operações no Afeganistão e no Iraque. Na contrainsurgência e no mais recente conceito de “comando de missão”, parece que a tendência é que permaneçam sendo a regra as ações concentradas na missão de pequenos escalões (balizadas por diretrizes gerais), com iniciativa e criatividade dos mais novos integrantes da profissão.

Reconhecendo a expectativa que é imposta aos seus novos membros, o Exército recentemente alterou a Instrução Militar Inicial. A formação básica do oficial, agora mais rigorosa, também sofreu alterações decorrentes do reconhecimento das expectativas que a profissão impõe aos futuros comandantes. Os cursos para graduados também foram modificados para atender a essa realidade. O que mais é necessário para sustentar e aprimorar essa carga profissional, com a qual arcam os mais novos membros da profissão?

Como continuar a incentivar a iniciativa, especialmente em condições de combate como as de hoje, que a exigem no escalão subunidade e fração, para o cumprimento da missão? Gosto muito do que disse o Marechal de Campo Wavell:

Ao erigirem altares para todos os grandes deuses, os gregos devotos acrescentavam mais um: “Ao Deus Desconhecido”. Assim, sempre que falarmos ou pensarmos nos grandes comandantes e dedicarmos nossos altares militares para Aníbal, Napoleão, Marlborough, etc., acrescentemos mais um altar: “Ao Comandante Desconhecido”; isto é, ao bom comandante de companhia, pelotão ou seção, que motiva seus homens e se mantém firme no posto e, muitas vezes, acaba perecendo no anonimato. São estes que, no final das contas, fazem mais para vencer as guerras. Os britânicos têm sido um povo livre e ainda o são, comparativamente; e ainda que — graças aos céus — não sejamos uma nação militar, essa tradição de liberdade confere aos nossos comandantes subalternos na guerra o precioso dom da iniciativa. Contanto que essa iniciativa não seja tolhida por um excesso de regulamentos e formalismo, continuaremos, eu creio, a vencer nossas batalhas — às vezes, a despeito dos nossos comandantes mais antigos.

Como poderá a profissão continuar a permitir essa iniciativa, sem sufocá-la com diretrizes, e ao mesmo tempo, recriar o que um estudo recente sobre prevenção de suicídios denominou “a esquecida arte de liderança na caserna”, em uma profissão em que cerca da metade de seus integrantes só conheceu a guerra?

Sétimo, é uma profissão que confere ampla autonomia de decisão aos oficiais em comando durante as operações. Esse é um grande ponto forte, mas que vem acompanhado de enorme responsabilidade para a profissão. Nenhum pai ou parente verifica a qualificação de um comandante do Exército antes de lhe confiar seus filhos ou filhas, maridos ou mulheres. A população acredita que os integrantes da profissão sabem o que estão fazendo e que o comandante não só é qualificado e competente, como também um líder de caráter. A existência de tal confiança é um grande ponto forte



Exército dos EUA, Sgt Alfred Johnson

Militares estadunidenses e iraquianos preparam-se para retornar à Base de Operações Avançada Brassfield-Mora, depois de concluir sua missão durante a Operação Katrina, 27 Fev 06.

porque possibilita a criatividade na consecução de missões difíceis, como vem ocorrendo atualmente.

A autonomia de decisão é necessária para que a profissão possa cumprir suas obrigações para com a nação, a Constituição e o povo estadunidense, especialmente agora, em meio a complexas condições de contra-insurgência. Contudo, tal autonomia traz consigo enormes responsabilidades. Cabe a cada um de nós fazer por merecer essa confiança em nosso caráter e adquirir a gama completa das competências exigidas pelo nosso ambiente operacional e as práticas de liderança condizentes com quem somos como nação. A profissão deve manter em mente o velho ditado de que o “poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente”. A profissão precisa permanecer vigilante — hoje e sempre, como quando eu estava na Ativa, e particularmente

agora, depois de dez anos de guerra — quanto a ambientes de comando tóxicos e abusos de poder, intervindo sempre que necessário para manter os padrões profissionais esperados. Os profissionais do Exército devem enfatizar a necessidade de franqueza mútua, tolerando-a e

Os profissionais do Exército devem enfatizar a necessidade de franqueza mútua... mesmo enquanto permitem ampla autonomia no comando

até incentivando-a, mesmo enquanto permitem ampla autonomia no comando. Parece-me que o povo estadunidense confia que a profissão agirá exatamente dessa forma. O modo como isso é feito fica, é claro, a cargo da profissão. Entretanto, parece-me que é necessário fazê-lo; caso contrário, a profissão arriscará perder a confiança da população, dos oficiais subalternos, dos graduados e dos soldados.

Oitavo, é uma profissão que tem de decidir sobre absolutos. Aliás, recomendo cuidado ao se estabelecerem absolutos para a profissão, embora existam muitos. Quatro deles constam do Etos do Guerreiro e foram tão bem vivenciados no combate nos últimos dez anos, que agora estão integrados à profissão. Agora são normas. A profissão adquire suas normas com base em comportamentos demonstrados. A Profissão do Exército é concreta e pragmática, em função do ambiente letal em que opera. Não é uma filosofia ou ciência — nem mesmo uma ciência social —, por mais que ideias da Filosofia e das diversas ciências possam influenciar a profissão. Cada nova geração tem a oportunidade de tomar decisões sobre as normas profissionais. Às vezes, os absolutos de uma geração não o são para a geração seguinte. Embora as expectativas quanto a comportamentos profissionais, no serviço abnegado ao país, pareçam resistir através das gerações, esse não é o caso em relação a outras áreas, como doutrina, requisitos

de armas e equipamentos e até métodos de treinamento. Por exemplo, minha geração contava com alguns absolutos em termos de doutrina, requisitos de sistemas de armas e estruturação de forças oponentes (nos centros de instrução em combate) que já não são mais válidos atualmente.

Nono, é uma profissão que tem o dever de assessorar os líderes civis eleitos e nomeados quanto ao emprego das Forças Armadas em situações voláteis, incertas, complexas e ambíguas em termos táticos e estratégicos, com a franqueza e o respeito coerentes com a Constituição, nessa era de conflitos persistentes e em meio a mutáveis condições fiscais e políticas.

Finalmente, os profissionais do Exército têm de distinguir realidades duradouras de características situacionais em relação à natureza da guerra e como isso afeta a profissão. Verdades duradouras sobre o comando em combate ficaram em evidência durante a travessia do Rio Delaware e o bem-sucedido ataque a Trenton pelo Exército Continental do General Washington e, duas semanas depois, no ataque vitorioso às Forças britânicas em Princeton: caráter, competência e liderança. Elas são tão válidas hoje quanto o eram naquela época.

Havia, também, características particulares daquela época e lugar, especialmente com respeito às táticas, armas e serviços exigidos. Tal fenômeno existe hoje, na presente guerra. Os profissionais do Exército precisam identificá-las para a profissão no futuro, da mesma forma que a minha geração teve de fazê-lo. Cada geração tem de tomar essas decisões para a geração seguinte — fácil quando se olha para trás, para a época de Washington ou até mesmo da Guerra Fria —, mas não tão simples em meio à ambiguidade dos tempos contemporâneos e às enormes pressões sobre recursos. Tais escolhas são difíceis, mas precisam ser feitas, e cabe aos profissionais fazê-las.

Observações Finais

Por fim, tenho duas observações pessoais.

A primeira é que terem permitido que eu permanecesse na Ativa e continuasse a servir junto à tropa depois de ter minha perna esquerda amputada abaixo do joelho, devido a ferimentos

em combate sofridos no Camboja, foi o maior privilégio da minha vida. Pessoalmente, a profissão sempre me pareceu ser uma vocação e um privilégio.

Em 1992 (há muito tempo, portanto), na palestra que fiz como parte do intercâmbio “Kermit Roosevelt”, no Reino Unido, eu mencionei que acredito que a profissão militar é algo da mente e do coração. Há muita paixão, dedicação aos militares e emoção no que os soldados profissionais fazem. É uma profissão difícil e exigente, o que nunca foi tão evidenciado como nos últimos dez anos. Esses profissionais têm de vivenciar tudo, creio, para saber como cumprir suas missões, ao mesmo tempo em que conferem a melhor vantagem possível às tropas e as conservam assim em todo tipo de operação, em qualquer ponto do espectro de conflito, para cumprir a missão com o menor custo possível. Isso requer caráter, competência e liderança e o desenvolvimento constante, em uma profissão que exige e incentiva o crescimento contínuo.

Em West Point, em setembro de 2010, tive uma conversa com a professora Elizabeth Samet, autora de *Soldier’s Heart* (“O Coração do Soldado”, em tradução livre). Ela me perguntou qual era a única verdade duradoura no fato de ser um profissional. Precisei refletir sobre a questão por alguns minutos. Respondi-lhe: *confiança*. Em uma carta à minha mulher, que escrevi em 1991, mencionei: “os soldados são ótimos e são meus melhores amigos. Um deles me disse outro dia: ‘Nós confiamos no senhor...’ Preciso fazer o que é certo e estou confiante de que posso fazê-lo”.

Vinte anos atrás, pouco antes do ataque contra o Iraque, em 1991, um sargento da 3ª Divisão Blindada interrompeu-me quando eu falava sobre o plano de manobra e disse: “não se preocupe, General, nós confiamos no senhor”. Ele havia captado, como é típico dos graduados, a essência do que estamos fazendo como profissionais e de como adaptamos a profissão, ao longo do tempo, às exigências de serviço abnegado à República, para cumprir a missão ao menor custo na esfera letal do combate terrestre — para conquistar e manter a confiança do povo estadunidense, dos superiores civis, dos companheiros de armas e dos homens e mulheres sob o nosso comando. A meu ver, *confiança* significa liderar e também servir e, ao fazê-lo, desempenhar nossos deveres

como profissionais; dessa forma, conquistamos confiança. Servimos — como diz o lema escolhido pela turma de 2012, de meu neto, na Academia Militar de West Point — “por algo maior que nós mesmos”.

Minha segunda observação se baseia no que eu disse aos cadetes em West Point, em janeiro de 2000. Em meus comentários finais, afirmei:

Em algum momento depois da formatura — e eu não posso predizer quando —, o país os incumbirá de cumprir uma missão extremamente difícil e importante, que só vocês e seus soldados serão capazes de realizar. Não sei em que condições ou em que parte do mundo nem quanto tempo depois da formatura isso acontecerá; só sei que exigirão que cumpram a missão ao menor custo para os soldados que o país confiou ao seu comando. Vocês precisam estar prontos para isso e fazer com que seus soldados estejam preparados, quer sejam um jovem tenente quer sejam o Chefe do Estado-Maior do Exército... vocês se lembrarão disso. No dia em que nossa nação precisar que atendam àquela difícil e importante missão, vocês cumprirão seu dever e honrarão a si próprios, a seus soldados e ao nosso país. Sei que o farão.

Eu me dirigia à turma de 2003 da Academia Militar de West Point. Dessa turma, 34 já doaram suas vidas fazendo exatamente isso, juntamente com outros 6 mil companheiros das Forças Armadas dos EUA. Pensar nisso nos impressiona e nos leva a refletir.

Para todos nós e, em especial, para as famílias que suportam a dor da perda, aqueles que sacrificaram a vida na atual guerra servem como um lembrete constante, de como a Profissão das Armas do Exército é especial, na natureza de seu serviço à nação. É distinta de todas as outras profissões. Esse caráter especial decerto impele a Profissão do Exército; de fato, exige que ela continue a analisar a si própria com franqueza e honestidade para renovar seu compromisso com o serviço abnegado e sua fidelidade à Constituição e à população, que lhe confia seus filhos e filhas, da mesma forma que tantos o fazem agora. A avaliação e o aprimoramento constantes da profissão são, de fato, um dever nobre e necessário. **MR**